

**ESTUDO DA INFLUÊNCIA DO SISTEMA FONOLÓGICO
DA LÍNGUA NATIVA SOBRE O DA LÍNGUA ESTRANGEIRA**

Prof. Ingo Voese

III — INTRODUÇÃO

Uma universidade deve assumir o compromisso de existir em função da região em que se situa, ou, em outros termos, do homem que lhe está próximo.

Foi a partir dessa perspectiva que se realizou a presente pesquisa lingüística. A comunidade de Rio Pequeno — Santa Cruz do Sul - RS, objeto da investigação, apresenta características acentuadamente fora dos padrões lingüísticos do Português, o que deve ser uma constante em outras comunidades que têm o Alemão como língua nativa.

A preocupação que nos levou ao trabalho, que ora estamos relatando, se prendia ao fato de entendermos que o homem sem domínio pleno do principal instrumento de comunicação, a língua, marginaliza-se num processo cultural.

A pesquisa realizada ocupou-se apenas da produção incorreta das consoantes do sistema fonológico da Língua Portuguesa que mantêm entre si a oposição "surdo" x "sonoro". Substituímos os termos "surdo" e "sonoro" por "forte" e "fraco" respectivamente, como já o fizeram outros lingüistas. O objetivo era descrever os fatos e buscar uma possível causa no sistema fonológico da língua nativa. Partimos da hipótese de que, se o sistema fonológico da língua se constrói a partir de oposições entre traços distintivos, a inobservância de uma oposição atingiria o sistema, não fonemas isolados apenas.

A tendência que o falante nativo tem em transferir para outra língua todo o sistema fonológico de sua língua, é uma afirmação conhecida dos lingüistas. (Convém observar que utilizamos as expressões "língua nativa" para designar o dialeto alemão falado pelos entrevistados, e "língua estrangeira" para designar a Língua Portuguesa.)

Sapir, quando se refere ao fato observado, escreve:

"O homem médio, falante de duas línguas diferentes, excetuadas certas diferenças notáveis que não logram escapar ao seu ouvido ineducado, acha em regra que os sons que utilizam elas, são aqueles mesmos com que já está familiarizado, mas que há um "sotaque" misterioso, certo caráter fonético de análise difícil, o qual, independentemente de sons propriamente ditos, dá ao conjunto um ar peregrino." (1)

Lado, em "Introdução à Lingüística Aplicada", vê o mesmo fato:

"Temos ampla evidência de que tendemos a transferir todo o nosso sistema lingüístico nativo no processo de aprender uma língua estrangeira. Temos a tendência de transferir para essa língua os nossos fonemas e suas variantes, nossos padrões de intensidade e ritmo, nossas transições, nossos padrões de entonação e sua intenção com outros fonemas." (2)

A passagem de uma consoante forte para uma consoante fraca (por exemplo, 'p' passa a 'b') é observada por Sapir, quando diz:

“Se, por qualquer motivo, o ‘p’ evolva para a sonora correspondente ‘b’, a velha série ‘p’, ‘t’, ‘k’ passa a apresentar-se assimétrica (‘b’, ‘t’, ‘k’). Tal série, no seu efeito fonético, não é equivalente da anterior, embora lhe corresponda pela etimologia. Mas se ‘t’ e ‘k’ também evoluírem para as suas correspondentes sonoras ‘d’ e ‘g’, restabelecer-se-á a antiga série sob nova forma: ‘b’, ‘d’, ‘g’. O padrão, considerado como tal, foi preservado ou restaurado.” (3)

Nosso objetivo, porém, não era tanto observar o “evoluir”, mas o “transferir” de característica de um sistema a outro. Adotamos para nossa pesquisa a abordagem estruturalista, guiando-nos, em muitos momentos, pelas colocações feitas por K. Pike e M. Câmara Jr. O primeiro quando recomenda que se observe que os sons tendem a ser modificados pelo ambiente, que os sistemas de sons tendem à simetria fonética, que os sons tendem a flutuar e que sequências de sons características exercem pressão estrutural sobre a interpretação fonológica de segmentos suspeitos. O segundo, quando observa que o melhor ambiente para testar as consoantes é o início do vocábulo.

A população que se prestou às entrevistas, constituiu-se de dez estudantes de escola fundamental. Tínhamos, de início, interesse em observar possível declínio de incidência de erro à medida que o indivíduo aumentasse o contato com a língua estrangeira (Português). Entretanto, o primeiro levantamento de dados feito entre estudantes de 8.º ano fundamental e de 2.º grau, mostrou-nos que as proporções de erro não se modificavam conforme fomos levados a crer. Por isso, reduzimos o número de entrevistados a dez. Não houve necessidade de observar alguma técnica na determinação dos elementos da amostragem, pois havia na escola que visitamos, apenas estes dez elementos que falavam o dialeto alemão em casa.

A coleta de dados constituiu-se de gravações de entrevistas, diálogos espontâneos e leituras, pertazendo, em média, uma hora e meia para cada entrevistado, num total de onze horas gravadas. Todas as gravações foram transcritas foneticamente. Os “corpus” buscaram levantar elementos fonológicos da língua nativa e da estrangeira.

A análise de dados possibilitou a elaboração de um manual que supomos adequado à correção dos problemas enfocados pela presente pesquisa. Este manual será testado com os próprios entrevistados nesta pesquisa numa experiência prevista para 1976.

Cumprido, ainda, explicar que, em conseqüência de dificuldades técnicas de impressão, vimos-nos forçados a substituir por apóstrofes (‘) as barras entre as quais normalmente vêm transcritos os fonemas.

Além disso, pelas mesmas razões acima apontadas, a transcrição de três fonemas do Português sofre pequena alteração:

‘s:’ = fricativa, surda, posterior

‘z:’ = fricativa, sonora, posterior

‘r:’ = vibrante, fraca.

Outros sinais e abreviaturas que usamos, são:

N = entrevistado

Fo = consoante forte (surda)

fr = consoante fraca (sonora)

I = ambiente fonológico no início do vocábulo

II = ambiente fonológico em posição átona no meio do vocábulo

III = ambiente fonológico em posição anterior à vogal tônica

IV — DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

A primeira observação feita, quando do contato com os habitantes da localidade de Rio Pequeno, foi a dificuldade que enfrentam em codificar e decodificar mensagens pelo fato de não se darem conta da função distintiva da oposição "forte x fraco" na produção de um grupo de consoantes da Língua Portuguesa.

O problema, como já dissemos, caracteriza uma certa marginalização cultural, pois as informações através de jornais e rádio (e raros aparelhos de TV) apresentam-se imprecisas e, às vezes, totalmente desvirtuadas à percepção da comunidade. A situação, porém, não se faz mais consciente aos habitantes da localidade devido ao fato de haver certa suficiência de produção cultural, o que permite a sobrevivência sem maiores percalços. Acrescenta-se a isso o fato de haver elementos bilingües que estabelecem os contatos culturais mais imperiosos com a zona urbana de Santa Cruz do Sul.

Como havíamos previsto na hipótese de nosso planejamento, a influência do sistema nativo (uso indistinto de consoante forte ou fraca na maioria das palavras) não atinge apenas fonemas isolados da Língua Portuguesa, mas todo o sistema, eliminando uma oposição que é própria deste sistema fonológico.

Para maior clareza na explicitação dos fatos observados, cumpre estabelecer o quadro fonológico das consoantes da Língua Portuguesa que consideramos em uso:

		Anteriores	Centrais	Posteriores
OCLUSIVAS	Fo	p	t	k
	Fr	b	d	g
FRICATIV.	Fo	f	s	s:
	Fr	v	z	z:
NASAIS		m	n	—
LATERAL		—	l	—
VIBRANTÉS	Fo	—	r	—
	Fr	—	r:	—

Obs.: Deixamos fora do quadro aqueles sons que, em geral, são aceitos como fonemas da Língua Portuguesa e que são representados, na escrita convencional por "nh" e "lh". Não os consideramos fonemas em si. Não interessa aqui uma maior argumentação que justifique a posição tomada.

Observamos o comportamento das consoantes oclusivas e fricativas especialmente. As constatações sobre 'r' e 'r:' descreveremos à parte.

Constatamos que a maior incidência de erros ocorre na produção do fonema 'g' (v. tabela I). Há predominância de erros em "fr", o que

se explica pela presença quase exclusiva do traço "Fo" na língua nativa. Testamos a oposição "Fo x fr" em diferentes ambientes: no início do vocábulo (I); em posição átona no meio do vocábulo (II) e em posição imediatamente anterior à vogal tônica (III). A maior incidência de erro de "fr" ocorre em I e de "Fo" em II. O menor índice de erro em "fr" manifesta-se em II e de "Fo" em I, com exceção da oposição de 'f' e 'v'.

Tabela I — Incidência de erros em "fr" e "Fo"

	b/p			d t			g/k			v/f			z/s			z:/s:		
	I	II	III	I	II	III	I	II	III	I	II	III	I	II	III	I	II	III
fr %	86,4	35,7	70,2	81	41,2	69,8	94,5	62,3	87,5	5,8	0	3,4	77,7	47,9	73,5	86	27,7	73,5
fo %	31,3	60,8	33,6	2,1	12,6	8,4	6,4	21,2	29,5	4	15	0	2	34,4	7,6	12	0	15,3

Em III constata-se, quanto à incidência de erro em "fr" uma percentagem maior do que em II e menor do que em I. É nos fonemas 'f' e 'v' que aparece o menor índice de erros.

É possível, ainda, verificar, na tabela I, que é no grupo das consoantes oclusivas que os erros se repetem mais frequentemente. Nas outras consoantes há um declínio de erro, mas ainda bastante elevado. Em ambiente I e II, a maioria dos entrevistados cometeu erros em proporção superior a 50%.

Tabela II — Incidência de erro em "fr": número de entrevistados com mais ou menos de 50% de erro:

	b			d			g			v			z			z:		
	I	II	III	I	II	III	I	II	III	I	II	III	I	II	III	I	II	III
+ de 50 %	9	4	8	8	3	7	10	7	9	1	0	0	7	5	8	9	3	8
- de 50 %	1	6	2	2	7	3	0	3	1	9	10	10	3	5	2	1	7	2

Para complementar as observações feitas, organizamos as seguintes tabelas que mostram as incidências de erros de dois entrevistados: o que mais e o que menos erros cometeu.

Observação: A linha contínua mostra a conduta de N4 (o que menos erros cometeu) e a pontilhada, a de N5 (o que mais erros cometeu).

Tabela III - Ocorrências em "I":

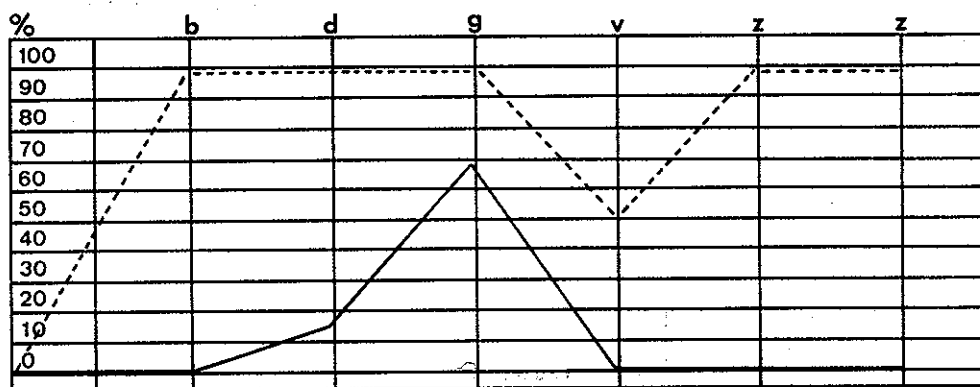


Tabela IV - Ocorrências em "II":

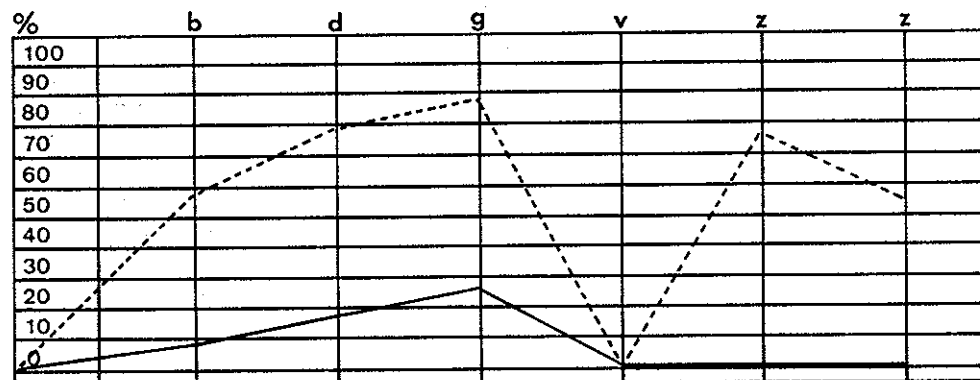
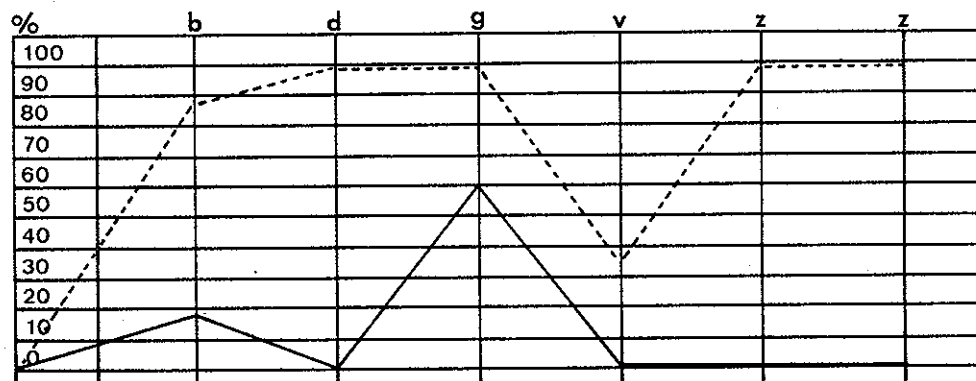


Tabela V - Ocorrências em "III":



As linhas confirmam que nas oclusivas há maiores dificuldades e que o ambiente "y" é o que menos problemas apresenta para a produção das consoantes fracas.

Quanto à oposição das vibrantes 'r:' e 'r' (r e rr), observa-se que o problema quase só se apresenta em 'r'. A vibrante forte, no início do vocábulo, não foi realizada por nenhum dos entrevistados. Em II e III esta consoante sofre erros em 66% e 97,4% dos casos, respectivamente. A vibrante fraca 'r:' apresenta em II 8,6%, e em III 27,7% de erros.

V — COMENTARIO DOS RESULTADOS

Uma observação apressada do problema enfocado na presente pesquisa constata, geralmente, que o indivíduo que tem como língua nativa o Alemão (ou um dialeto desta língua), não realizará corretamente certos fonemas na fala da Língua Portuguesa e que os erros cometidos são provenientes de uma alfabetização insuficiente.

Ora, se os fonemas se constituem a partir de sistemas em que se manifestam determinadas características quanto à presença de diferentes traços distintivos, a influência, a nível fonológico, de uma língua sobre a outra, far-se-á sentir exatamente sobre as características gerais do sistema. E a alfabetização, de certa forma, não é uma atividade que pretenda fixar ou explicitar o funcionamento de um sistema fonológico: ela tem por objetivo fixar a relativa correspondência de sinais gráficos a sons. A alfabetização pressupõe, no indivíduo, a existência do sistema fonológico, isto é, parte do pressuposto de que a pessoa a ser alfabetizada já tenha assimilado todas as relações de ordem distintiva do sistema.

Por isso, admitimos que a influência da língua nativa se realiza sobre características do sistema e que a alfabetização não tem por objetivo sanar este problema. Há que realizar um trabalho antes da aprendizagem da escrita, o que pretendemos realizar numa próxima experiência.

A presente pesquisa mostra-nos que, nas consoantes do dialeto alemão falado em Rio Pequeno, a oposição "forte x fraco" (surdo x sonoro) não é fonológica, isto é, não tem valor distintivo. E esta característica do padrão da língua nativa se transfere à Língua Portuguesa. O Português utiliza tal oposição para diferenciar significados, o que, evidentemente, traz sérios problemas de ordem comunicacional à comunidade lingüística observada.

Na análise dos dados, testamos as ocorrências em vários ambientes. Pelo fato, talvez, de haver maior força de emissão na sílaba inicial do vocábulo ou na sílaba tônica, quando estiver após a inicial, a incidência de erro nas consoantes que têm o traço "fraco" é maior nestes dois ambientes. E é igualmente significativa a ocorrência de maior número de erros nas consoantes de traço "forte" fora dos ambientes citados.

Mesmo que a incidência de erro no traço "forte" seja bem menor do que em "fraco", podemos afirmar que o traço "forte" sofre, em ambiente II, uma tendência ao enfraquecimento, enquanto que ocorre o contrário em ambiente I e II: o traço "fraco" tende a desaparecer.

Outra impressão generalizada (a de que o falante de Língua Alemã tem tendência a realizar o "r" fraco como forte) não se confirmou na pesquisa. Pelo contrário, houve uma grande incidência de erro em "r" forte e apenas poucos erros em "r" fraco.

VI — CONCLUSÃO

Concluída a pesquisa, ficou-nos a certeza de que o problema enfocado leva, de certa forma, a comunidade de Rio Pequeno a uma marginalização cultural, em termos de participação e recepção de informações.

Propomos, como tentativa de correção do uso impróprio do sistema fonológico da Língua Portuguesa, uma série de exercícios fonéticos baseados na oposição "forte x fraco".

Acreditamos que tal atividade possa levar o falante da língua nativa a fixar o padrão fonológico da língua estrangeira, neutralizando a influência que intuitivamente estabeleceu no primeiro contato.

Caberia, ainda, dizer que, ao lado das observações próprias da pesquisa realizada, verificamos que, em outros níveis, há igualmente profunda influência da língua nativa sobre a estrangeira, o que se prestaria, porém, para outra pesquisa.

CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS:

- (1) — SAPIR, Edward. *A Linguagem*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1971, p. 196.
- (2) — LADO, Robert. *Introdução à Lingüística Aplicada*. Petrópolis, Vozes, 1971, p. 27.
- (3) — SAPIR, Edward. *ob. cit.* p. 183.